

Trabalho Digno para um Mundo Digno

A crise financeira ameaça os empregos, as famílias e o futuro de bilhões de seres humanos – aqueles que nunca tiraram proveito dos anos de excesso, cujo trabalho tem sido sempre mal pago e precário e que não têm a mais leve responsabilidade no que está actualmente a acontecer.

Depois de olharem para o abismo que eles próprios criaram, os responsáveis políticos, finalmente, acordaram para a necessidade de uma regulação da economia mundial e de os governos assumirem por fim as suas responsabilidades, de que há muito tinham abdicado – estabelecer regras para os mercados, proteger e apoiar os cidadãos e as cidadãs e intervir, a fim de garantir resultados socialmente equitativos e sustentáveis.

O pior de tudo é que o modelo de globalização que reina há mais de duas décadas está presentemente desacreditado, embora no seu fracasso se encontre o germe da oportunidade para se empreender uma mudança radical.

Quando, em 2006, a CSI foi fundada sublinhou a necessidade de uma mudança completa quanto ao paradigma da globalização e assumiu o compromisso de a levar avante.

Chegou a hora dessa mudança.

Resolver a crise financeira implica andar a par com uma acção concertada a nível internacional a fim de se estimular o emprego e o crescimento e de se lançar as economias no caminho de um desenvolvimento sustentável e equitativo.

A tarefa fundamental da regulação dos mercados financeiros, consiste por exemplo, na eliminação das hipóteses de um regresso ao mundo dos negócios nos moldes habituais e de uma repetição da actual derrocada, que devem fazer parte de uma agenda mais vasta que volte a formatar a gestão da economia global.

Os desequilíbrios que se verificaram com a descida ou a estagnação dos salários, ao mesmo tempo que o capital colhia benefícios sem precedentes, precisam de ser reajustados. O direito de filiação num sindicato e à negociação colectiva, direitos internacionalmente reconhecidos, devem ser universalmente reforçados de forma a que os trabalhadores e as trabalhadoras passem a ter uma influência real nas suas vida e no seu futuro. A agenda relativa ao comércio, afundada no impasse da Ronda de Doha, só pode ir avante se for baseada nos imperativos do trabalho digno, desenvolvimento, direitos e justiça. A comunidade internacional enfrenta, igualmente, a inevitável obrigação de consensualizar rapidamente um plano eficaz de combate às alterações climáticas, matéria onde o fracasso terá consequências muito para além das que a implosão financeira possa ocasionar.

Os governos do G20 que somam à sua conta mais de três quartos do total da economia global encontraram-se em Londres em Abril de 2009. As decisões aí tomadas abriram caminho para uma verdadeira e imprescindível mudança mas muito mais necessita de ser feito para que esta possibilidade se torne realidade. Acima de tudo, o mais importante é que a pressão pública pela mudança continue a crescer.